



Organizadores

Evelise de Souza Marra | Cecil José Rezze |
Marta Petricciani

PSICANÁLISE

Psicanálise: Bion

Transformações e desdobramentos

2ª edição

Blucher

PSICANÁLISE: BION

Transformações e desdobramentos

2ª edição

Organizadores

Evelise de Souza Marra

Cecil José Rezze

Marta Petriccioni

Psicanálise: Bion: transformações e desdobramentos, 2ª edição
© 2020 Evelise de Souza Marra, Cecil José Rezze, Marta Petricciani (organizadores)
Editora Edgard Blücher Ltda.
1ª edição de 2008 – Casa do Psicólogo

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Psicanálise : Bion : transformações e desdobra-
mentos / organizado por Evelise de Souza Marra ;
Cecil José Rezze ; Marta Petricciani. – 2. ed. – São
Paulo : Blucher, 2020.
322 p. il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1940-8 (impresso)

ISBN 978-85-212-1941-5 (eletrônico)

1. Psicanálise I. Título. II. Marra, Evelise de
Souza. III. Rezze, Cecil José. IV. Petricciani, Marta.

20-0273

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

1. Turbulências. Do aprender com a experiência emocional ao pensamento selvagem 19
Cecil José Rezze
2. Eu e o outro na sala de análise 39
Antonio Carlos Eva
3. Contribuições do pensamento de Bion à teoria e à técnica da psicanálise contemporânea 43
Alicia Beatriz Dorado de Lisondo
4. Função α : ansiedade catastrófica – pânico – continente com *rêverie* 63
Antonio Sapienza
5. Aprender com a experiência emocional e grade: teoria e prática 73
Cecil José Rezze

6. Bion e Tustin. O referencial de Bion e os fenômenos autísticos: uma proposta de aproximação 85
Célia Fix Korbivcher
7. Édipo e Dioniso na Torre de Babel. Um ensaio sobre psicanálise, mitos e realidade psíquica 105
Celso Antonio Vieira de Camargo
8. Questões relativas à “cura”, à “melhora”, à normalidade e à anormalidade: psicanálise e psicoterapias 135
Claudio Castelo Filho
9. Função α \leftrightarrow psicanálise: processo de investigação (a respeito da *Qualidade de Presença* na sessão: modelos) 163
Cícero José Campos Brasileiro
10. Transferência-Transformações 177
Evelise de Souza Marra
11. A complementaridade e a clínica 185
Isaias Kirschbaum
12. Enriquecer pelo fracasso – vicissitudes de Transformações 197
João Carlos Braga
13. A interpretação: limites e rupturas de um conceito e de uma prática 215
Julio Frochtengarten

14. A “disputa” (*prise de bec*) entre Beckett e Bion:
a “experimentação” do *insight* no resplendor
da obscuridade 229
Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho
15. Cesura e dor mental 255
Luiz Tenório Oliveira Lima
16. Apreendendo a psicanálise com Bion 263
Odilon de Mello Franco Filho
17. Extensões no âmbito Menos 271
Paulo Cesar Sandler
18. Da transferência e contratransferência à experiência
emocional em *Transformações* 305
Stela Maris Garcia Loureiro

1. Turbulências. Do aprender com a experiência emocional ao pensamento selvagem

Cecil José Rezze¹

Qual o impacto que as ideias psicanalíticas causam em nossa mente? Desprezível?

Bion nos oferece um novo modelo para identificar a experiência do psíquico.

Inclui, além das dimensões do sensorial e do conhecer (já presentes nos modelos de Freud e de Klein), o reconhecimento das dimensões do alucinar, do ser ou tornar-se a realidade (“O”) e dos pensamentos com existência autônoma para além dos mundos das coisas e das ideias (pensamentos sem pensador) (Braga, 2003).

Creio ser esclarecedor a colocação de um ponto de virada entre a psicanálise que utiliza o modelo estrutural para aquela que

¹ Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Doutor em medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).

usa o modelo multidimensional. Mas será que nos damos conta da perturbação que isso determina em nossas mentes? Será que, em nome do progresso de nossas ideias, nos damos conta do poder destruturante das ideias que estamos tentando desenvolver? Será que avaliamos a necessária reação de nosso *establishment* pessoal mental a esse impacto?

Turbulência!

Meu objetivo é tentar rastrear a evolução dos conceitos emergentes no desenvolver deste trabalho e verificar a turbulência que essa ação pode causar no analista que faz a investigação. Os subtítulos abaixo são autoexplicativos.

- 1) Explicitação de alguns conceitos ligados à experiência emocional.
- 2) Passagem do conceito de aprender com a experiência emocional para o conceito de transformações.
- 3) Além de transformações.

I. Explicitação de alguns conceitos ligados à experiência emocional

Algo de uma sessão

A minha sala de análise tem um “hallzinho” que a precede e estou mais para dentro dela.

A porta está entreaberta.

O paciente bate e indaga: *posso entrar?*

Além da imagem de uma pessoa educada, algo indiscernível chama a atenção em sua pergunta.

Decido aparecer na porta e dizer que sim.

Entra e pergunta: *fecho a porta com a chave?*

Vem à minha mente: além de ele ser pessoa educada, eu teria que decidir por ele? Pareceu-me mais adequado dizer em tom cordial: *é como costume fazer.*

Estes inícios já nos levam a relações pessoais significativas. Embora eu não saiba qual o significado.

Coloca o paletó no cabide.

Deita-se.

Fica alguns instantes em silêncio.

Eu estive fora esta segunda e terça-feira. A minha intenção era vir, mas é que está uma agitação no meu trabalho. Eu queria vir, mas as oportunidades estão surgindo em várias áreas e só eu posso dar atendimento e acompanhar, por enquanto não tem outra pessoa. O senhor... você... sabe como eu dou valor a este nosso trabalho, porque tem me ajudado muito. Mas eu estou vendo que no momento atual fica difícil de eu vir. Até falei para minha mulher que eu talvez parasse uns tempos e que depois, quando isto passasse, eu retornaria. Ela disse: de jeito nenhum, você não vai deixar análise nenhuma, você vai quando der, troca de horários quando for possível, mas você não vai deixar a análise (está animado e dá um tom peremptório à fala da mulher). Eu rio um pouco e ele muito, mas constringido.

Como ele me pareceu bastante próximo, resolvi testar uma formulação para ver como ele a receberia.

Você já pensou que pode ser o contrário? Você é que se sente agitado dentro de você e então adere a essas situações intensas e variadas; você se lança nelas. Assim, fica vista no mundo uma situação que acolhe suas necessidades. Quando isto acontece, você tem oportunidade de ser criativo, participante, atuante. Quando falta, você

fica em dificuldades. Assim, eu e a análise ficamos no espaço que sobra, que é possível. Talvez aconteça o mesmo com outras relações também (tenho a impressão de que a minha fala é mais próxima e informal, mas foi assim como está redigido que consegui lembrar).

Experiência emocional

O paciente, desde o início do encontro, aparece com as perguntas: “posso entrar?”, “fecho a porta com a chave?”, estabelece uma maneira bastante ativa e peculiar de pôr-se em contato com o analista, o que é difícil comunicar. Prossegue nos seus esclarecimentos sobre a sua ausência, o que faz com que o analista tenha a impressão de que ele possa dar fim à análise, mesmo antes que ele o declare.

Ele enfatiza a importância de seu trabalho e da sua pessoa e, da mesma forma, ressalta o valor da análise.

Essa situação é muito difícil de descrever, porque ele esclarece que o trabalho tem lhe sido favorável, porém tenho a impressão de que ele outorga o valor, não o reconhece como proveniente da experiência entre nós.

A continuidade da análise é atribuída à participação da mulher de uma maneira enfática.

Durante a sessão, pareceu-me oportuno fazer alguns comentários que pudessem aproximar algo diferente de sua vida mental. E, então, fiz a observação de como ele atribuía à mulher a responsabilidade de suas ações. A observação não visou esclarecer problemas domésticos ou pessoais, mas tentar apontar uma configuração sobre uma dimensão desconhecida de si mesmo.

Teorização do conceito de experiência emocional

Experiência emocional é algo que ocorre e é considerado na poesia, na prosa, na tragédia, no cinema, enfim, na vida. Usar a expressão experiência emocional em seu significado generalizado é algo óbvio na vida humana e, portanto, me parece de pouca utilidade. O que faz valer o termo é o *aprender* com a experiência, portanto o uso da *função α* . Isso é específico das conceituações de Bion (1962/1966).

A função-alfa atua sobre as impressões sensoriais, quaisquer que elas sejam, e sobre as emoções que o paciente percebe, quaisquer que sejam. Na medida em que a função-alfa tem êxito, produzem-se elementos-alfa suscetíveis de se armazenarem e de corresponderem aos requisitos de pensamentos oníricos. (Bion, 1962/1966, p. 22)

“Para aprender com a experiência, a função-alfa deve atuar sobre a percepção da experiência emocional. A criança, que tem a experiência emocional chamada aprender a andar, é capaz de armazenar esta experiência em virtude da função-alfa” (p. 24).

Podemos usar o viés do *aprender* com a experiência emocional, no exame do exemplo clínico. Se considerarmos a função α , verificamos que as formulações do paciente denotam grande complexidade, o que indica seu uso para relações familiares, sociais, de trabalho, psicanalíticas, e assim por diante.

Mesmo supondo que ele não aprende com a experiência emocional em curso na sessão, fica a consideração de que ele tem capacidade de desenvolver o vínculo de conhecimento. Porém, dado o uso que ele faz (“posso entrar?”, “fecho a porta com a chave?”),

“minha mulher disse”, “no meu trabalho”), concluímos que ele opera sob a fantasia de expulsão de partes de si próprio. O conhecimento adquirido é usado para negar as angústias profundas que de outra forma emergiriam. Ao examinar nosso trabalho, somos mais inclinados a crer que este paciente tende a não *aprender* com a experiência emocional na análise, dado que, com suas falas, mais tenta manter inalterado o sistema que usa do que permitir mudanças.

Conclusão – Turbulência.

II. Passagem do conceito de aprender com a experiência emocional para o conceito de transformações

Início com o conceito de invariância porque, parece-me, o conceito de transformações encontra diversas aplicações na clínica, enquanto o de invariância amiúde fica na obscuridade, embora o conceito de transformação seja decorrente do conceito de invariância.

Antes de prosseguir, creio que seria útil considerar o conceito de invariância e exemplificá-lo.

O vinho

A fermentação da uva produz o vinho e, pela destilação, o conhaque. Diversos produtos são obtidos de forma semelhante, como o uísque, a tequila, a caninha, o rum etc.

Essas bebidas são compostos constituídos de muitas substâncias que lhes dão cor, aroma, sabor, fragrância e textura que lhes são peculiares.

Portanto, as mais variadas fontes dão origem a esses produtos. Existe uma observação de que, se eles forem ingeridos sem moderação, causarão o embebedamento. Apesar das diferentes origens e métodos de produção, ou seja, apesar de diferentes *transformações*, existe uma *invariante* que é comum a todos, que é o embebedamento (invariante descritiva), que corresponde à invariante química álcool.

Proponho explorar transformações e invariância nos elementos clínicos já fornecidos. Naturalmente, isto sendo um exercício, haverá um certo artificialismo, que espero seja tolerado.

Invariância

O paciente faltou às duas sessões anteriores e está aparentemente tratando disso com o analista. Faz referência a algo muito importante, que seria a interrupção da análise. Mas ele introduz uma narrativa dos eventos que se passaram com a mulher e aquilo ganha vida na sessão. Até rio um pouco e ele o faz intensa e constrangidamente.

Fica claro que uma experiência profunda sofreu transformação por meio da manifestação do paciente.

Já nas primeiras falas dá para conceber um modelo com o qual essa pessoa opera. O que é do seu mundo mental, espiritual, psíquico, se transforma de maneira que ele o vive em seres variados: o analista, as vicissitudes do trabalho, a mulher...

Esse modelo é semelhante ao modelo do vinho, em que o embebedar corresponde a perceber fora dele e acreditar que ali está a causa do que lhe acontece – invariante descritiva. Esta dá ensejo a algo mais sofisticado, que é a teoria da identificação projetiva (correspondente à invariante química: álcool).

Ao caminharmos na direção apontada, temos a invariância do processo, que nos leva a conceituar que as transformações em curso são aquelas que podemos agrupar como transformações projetivas.

Três tipos de transformações

Em Bion, o espectro clínico se amplia com as transformações: em movimento rígido, projetivas e em alucinose.

- 1) “A transformação em movimento rígido implica um modelo de movimentos de sentimentos e ideias de uma esfera de aplicabilidade à outra” (Bion, 1965/1983a). Cabe aí o conceito psicanalítico de transferência, embora diversas formas de atuar do analista e do analisando obedeçam a esse conceito de transformações em movimento rígido, sem que implique o conceito de transferência, como quando o analista dá o exemplo de uma fábula para explicitar um sentimento ou ideia.
- 2) Transformações projetivas serão aquelas que têm por base o mecanismo da identificação projetiva, a qual podemos considerar como primórdios do pensamento, condição das comunicações iniciais e primitivas da mente humana (assim consideramos a descrição clínica).
- 3) Nas transformações em alucinose, consideramos também a identificação projetiva, porém no sentido evacuatório. Acrescem-se às invariantes nas transformações em alucinose: “rivalidade, inveja, e roubo, junto com uma sensação de inocência” (Bion, 1965/1983a).

As características clínicas nos três tipos se evidenciam em formas diversas, sendo que a experiência emocional é o instrumento

para fazer a discriminação, como vimos na forma de trabalhar por nós apresentada.

Possibilidades de reavaliar o material clínico sob os três tipos de transformações

Utilizando os mesmos elementos clínicos, podemos refletir que outras opções teríamos se considerássemos outros referenciais de percepção e teoria.

1) A primeira possibilidade é considerarmos a teoria da transferência como uma modalidade de transformações em movimento rígido. Assim, os elementos – “posso entrar?”, “fecho a porta com a chave?”, “senhor... você... Cecil”, “porque tem me ajudado muito” – remetem a uma autoridade a que ele se subjugua, mas também se rebela: “talvez parasse uns tempos”. A vivência com o analista pode ser interpretada como uma relação que remete ao amor submisso e ódio diante da imago paterna. Aos ditos da mulher é dada grande importância e podemos conjecturar a formação das imagos parentais na imagem autoritária da mãe que se liga à do pai e aos quais deve se submeter. Creio que se configura uma situação triangular em que a proteção parental o inclui e exclui. Podemos considerar aí um fragmento do complexo de Édipo.

O que foi dito narrativamente acima parece equivaler à formulação de Freud (1920/1976) sobre transferência:

É obrigado (o paciente) a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, recordá-lo como pertencente ao passado. Estas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema

alguma parte da vida sexual infantil, isto é, do complexo de Édipo e seus derivativos, que são invariavelmente atuados (acted out) na esfera da transferência, da relação do cliente com o médico.

Considerando a teoria de transformações em movimento rígido, estaríamos trabalhando em mitos, sonhos e pensamentos oníricos (linha C da grade), portanto área simbólica da associação livre de ideias do paciente e da atenção flutuante do analista (preconcepção, linha D).

2) As transformações projetivas podem ser consideradas por meio da invariante cujo modelo é “perceber fora dele e acreditar que ali está a causa do que lhe aconteceu”. Já discutimos isso anteriormente, salientando a identificação projetiva como a invariante.

3) Consideremos as transformações em alucinação. Podemos observar que o paciente tem personalidade conservada e possibilidade de desenvolver o conhecimento; vejamos o que isso desencadeia na experiência emocional da sessão.

O analista tenta adquirir conhecimento dos eventos da sessão por uma impressão geral, e os elementos particulares podem ir povoando a impressão geral. Esta impacta desde o início pelo fato de que o paciente constrói um local e a personagem do analista. A colocação de seu trabalho, a possibilidade de não vir, a fala da mulher vão formando um ambiente independente, com seres que passam a habitar a sala. Assim, aquele que fora um senhor, depois você, torna-se um Cecil de grande intimidade. Esses elementos, mais as falas relacionadas a aproveitar e gostar de nosso trabalho, vão sendo outorgados ao analista. Tudo isso constrói um clima emocional no qual ele resvala pelas observações do analista numa vivência fundida com ele, criando um estado produzido por ele mesmo. A experiência emocional revela um englobamento do analista que é posto

à margem, porém sendo construído à medida que ele produz sua presença. A experiência dá a medida da exclusão da situação que ali se desenrola; tudo é feito por ele mesmo, bastando a si próprio.

Ao que foi descrito, atribuiríamos o mecanismo da identificação projetiva, no sentido de uma evacuação. Dada a natureza da exclusão do analista, poderíamos pensar nas invariantes de rivalidade, inveja e um sentimento de ingenuidade que permeiam as transformações em alucinação.

Conjeturamos as três transformações possíveis, descrevendo um conhecimento que seria haurido em cada uma delas, levando em conta o vértice utilizado.

Resumindo, o vértice é uma invariante e será diferente conforme as transformações. Nas de movimento rígido, considerada a transferência, a invariante é que “sentimentos e ideias passam de uma área de aplicabilidade à outra”; nas transformações projetivas, consideramos a invariante identificação projetiva, destacando os primórdios de uma comunicação; nas transformações em alucinação a invariante corresponde às identificações projetivas de caráter evacuatório, junto com a rivalidade, inveja e ingenuidade.

Vértice de novas ideias

Com o advento de transformações, os conceitos vão entrar no vértice de novas ideias.

Bion cria o conceito de *O*, quando se inspira nas investigações que abrangem a coisa em si, a realidade última, a verdade última, enfim, os fatos absolutos da sessão, os quais não são passíveis de conhecimento.

Na análise, *O* sofre transformações, tanto pelo analista como pelo analisando, por meio de $T\alpha$ e, posteriormente, $T\beta$. Os fatos clínicos que narrei são uma descrição de fenômenos, portanto a transformação do analista *T* (analista) β da sessão. Meus processos mentais, pelos quais apreendi a descrição dos fenômenos, são representados por *T* (analista) α .

Na prática clínica, somente nos é dado acesso a $T\beta$.

Note-se a similaridade de formulação conceitual de transformação em relação à de função α . Esta opera sobre as experiências sensoriais e emoções, quaisquer que elas sejam, e as transforma em elementos α que permitem o sonho, o pensar inconsciente de vigília, o lembrar, o esquecer etc. Tem-se a evolução dos elementos β para elementos α e o crescimento para as linhas inferiores da grade.

Com a ideia criativa da função α , Bion consegue uma forma sintética e original de passar da realidade sensorial à realidade psíquica, criando um instrumento que opera o salto de uma para a outra.

“O” tem sentido mais abrangente. Inclui e expande os desenvolvimentos anteriores, criando um instrumento que permite indagar do desconhecido do ser humano, e sua evolução para dimensões apreensíveis como os fenômenos.

Os conceitos de aprender com a experiência emocional, função α e grade não desapareceram, mas foram assimilados pelo conceito de transformações.

Transformações em *O*

Para considerarmos as transformações em *O*, tomemos o exercício feito com os três tipos de transformações, portanto conseguindo

três tipos diferentes de conhecimento (K). Em todas, podemos dizer, o paciente resvala nas observações do analista.

O que determina esse fato?

É possível que cada observação contenha conhecimento que traria verdade e possibilidade de entrar em contato com ela.

O que se tenta evitar é que conhecimento possa tornar-se “*ser*” o paciente.

Nas transformações em movimento rígido, no caso particular da transferência, consideramos que há resistência às tentativas de interpretação do analista.

Na hipótese das transformações projetivas, no exemplo clínico, teme tornar-se aquele que conhece a responsabilidade outorgada ao trabalho, à mulher e ao analista, passando a “*ser*” o que opera dessa forma.

Se considerarmos as transformações em alucinação, os elementos α destarte conseguidos são utilizados como elementos β , propícios à evacuação. Teríamos uma forma mais vigorosa de atuação do analisando que não permite o desenvolvimento do vínculo conhecimento (K), no que se refere à experiência emocional da sessão.

Nos três tipos figurados de transformações, podemos concluir que o paciente não *aprende* com a experiência emocional, quando as transformações em conhecimento (K) têm a potencialidade de transformações em O. TK \rightarrow TO.

Em nossas hipóteses, os três casos de transformações são, supostamente, capazes de tender à verdade.

A realização, se é que se pode aplicar o termo, de transformações em O – “*ser*” – é de algo que pode ser alcançado no decorrer

da sessão e da vida. Muitos duvidam de que haja algo que equiva-lha a isso e que seja do alcance humano.

Conclusão – Turbulência.

III. Além de transformações

Na obra de Bion, contribuições preciosas se sucedem, como: opacidade de memória e desejo culminando com a conhecida recomendação “sem memória e sem desejo”, a mentira e o pensador; o místico e o grupo, mudança catastrófica; linguagem de êxito etc.

Até aqui, considero que se pode realizar essas abstrações com forte lastro em material clínico.

Alguns dos desenvolvimentos feitos por Bion a seguir parecem-me de extremo valor, porém encontro dificuldades de comunicar minhas realizações a respeito e, sobretudo, correlacioná-las com uma realização clínica minimamente adequada. Selecionei três áreas que me parecem úteis para explicitar essas ideias: Pensamento; Embriologia (cauda vestigial, fendas branquiais etc.); Glândulas Suprarrenais.

Pensamento

Pensamento e pensar são termos que têm múltiplas acepções. Vamos nos cingir àquelas que fazem sentido no campo da psicanálise.

O que Bion (1962/1966) vai desenvolver “difere de qualquer teoria que considere o pensamento como produto do pensar”.

O desenvolvimento adequado dos processos mentais permite: o desenvolvimento do pensamento e o desenvolvimento do pensar

que é chamado a existir por meio da imposição da pressão dos pensamentos. Isso é compatível com a consideração de que os pensamentos são epistemologicamente anteriores ao pensar.²

Bion (1962/1966) limitará o termo “pensamento” à conjunção de uma pré-concepção com uma frustração. O modelo proposto é o de um bebê cuja expectativa de um seio entra em conjunção com a não existência de um seio para sua satisfação. Essa conjunção é sentida como um não seio ou um seio ausente dentro. “Se a capacidade para tolerar a frustração é suficiente, o ‘não-seio’ dentro se torna um pensamento e se desenvolve um aparelho para pensar”.

O evoluir dessas concepções nos leva a considerar: primeiro, que a existência de um pensamento não depende de um pensador; segundo, que o pensador, necessariamente, ao formular um pensamento, vai introduzir um elemento de falsificação inerente à sua pessoa. Estamos diante da falsificação que podemos estudar pela coluna 2 da grade; estamos postulando a ligação com a mentira.

Turbulência!

Estamos diante de parâmetros que interferem com a forma como habitualmente exercemos nossa atividade clínica e os pensamentos dela decorrentes. Usando uma linguagem coloquial, “não bastasse isto”, Bion em seus últimos trabalhos (*Seminari Italiani*, 1977; *Taming Wild Thoughts*, 1977; e *Four Papers*, 1976 a 1979), por meio de “conjecturas imaginativas” e “conjecturas racionais” nos confronta com uma nova onda criativa.

2 Essas concepções estão de acordo com concepções filosóficas aceitas. “Para distinguir rigorosamente entre aquilo que pertence ao campo da psicologia e aquilo que pertence ao campo da lógica há que separar o pensar, por um lado, e o pensamento por outro. Este último (o pensamento) é uma entidade intemporal e inespacial: invariável e, portanto, não psíquica, pois embora o apreendamos mediante o ato de pensar, não pode confundir-se com este” (Mora, 1977).

Quanto aos pensamentos selvagens, escolhi um trecho do livro *Seminari Italiani*³ (1983), que vem a ser uma pergunta que um dos participantes faz justamente sobre o tema. Creio que a pergunta e o que se segue permitem a realização do conceito.

A abertura do discurso de ontem do Dr. Bion me pareceu muito bonita como imagem; poderíamos ver os pensamentos selvagens passeando pela sala; mas depois eu me perguntei: estes pensamentos são uma emanção do Espírito Santo ou, se não, o que está nos dizendo o Dr. Bion? Esperei então que nos resolvesse o mistério do início do evangelho de São João, que nos dissesse onde estava o verbum e que nos ajudasse a entender como ele se havia feito carne; mas todo o resto do discurso não me ajudou muito nisso e, sobretudo, a longa e meticulosa investigação sobre a trabalhosa aquisição da linguagem pelo homem, a partir do grunhido, me desorientou. Pareceu-me contraditório aquele início: em suma, Deus, ou o que seja, grunhe ou fala?

Um outro participante tenta falar, mas fica a meio, porque “há muitos ruídos na sala”. Bion a seguir começa a responder e assinala algo ligado a “tanto barulho na sala”.

Turbulência!

Sobre o tópico “Pensamento”, portanto, a expansão alcançada é muito grande e creio que fica demonstrada a “turbulência” das ideias pela dramatização dos participantes na sala.

3 Tradução de Renzo Birolini.

Embriologia: cauda vestigial, fendas branquiais etc.

As indagações de Bion quando examina fatos ligados à embriologia semelha, em certos momentos, algo que ocorre em nossa experiência na sala de análise: sentimos que algo muito profundo e fora de nosso alcance está ocorrendo.

Considera se os equivalentes mentais dos restos embrionários apareceriam, mesmo quando o indivíduo exerce a função desenvolvida da fala, e se poderíamos detectá-los. “Isto é que me parece ser uma das descobertas fundamentais da psicanálise; estados de mente arcaicos, ideias e pensamentos arcaicos, primitivos padrões de comportamento são todos detectáveis nas pessoas as mais civilizadas e cultivadas” (Bion, 1997).

Glândulas suprarrenais

Nas cogitações sobre os estados mais primordiais da mente e sua conexão com os estados de desenvolvimento, Bion retroage aos primórdios do desenvolvimento físico (Embriologia, vista acima). Toma o viés dos *vestígios embrionários* da mente, algo recessivo. Parece ser outra a posição quando examina, em *A aurora do esquecimento* (1979), a conversa que os somitos estabelecem entre eles e o *self* nas diferentes idades (22 anos, 70 anos etc.), bem como quando salienta a importância das glândulas suprarrenais, da angústia talâmica, do sistema nervoso simpático e parassimpático. Aqui parece adotar uma posição prospectiva como na citação que se segue, na qual se serve das conjecturas imaginativas.

O mais imediato destas conjecturas imaginativas é que os corpos adrenais não pensam, mas que as estruturas circundantes desenvolvem fisicamente e em antecipa-

ção física, o preenchimento de uma função que conhecemos como pensar e sentir. O embrião ou suas fossas ópticas, fossas auditivas, supra-renais não pensam, vêem, ouvem, lutam ou fogem, mas o corpo físico desenvolve por antecipação a providência de um aparelho para preencher as funções de pensar, ver, ouvir, fugir, e assim por diante. (Bion, 1979/1987b)

Concluindo este item, assinalamos nos últimos trabalhos de Bion uma indagação reiterada sobre a mente primordial, tentando percebê-la nos albores de seu desenvolvimento, portanto antes que uma cesura corpo-mente pudesse ser estabelecida no observador. Saliente-se a dificuldade de encontrar a realização pertinente por meio da experiência clínica.

Turbulência.

Como término

Tendo partido das teorias ligadas ao aprender com a experiência emocional, baseados na prática clínica, fomos avançando nos percalços do desenvolvimento de nossas abstrações. O primeiro foi o relativo ao desaparecimento do conceito de aprender com a experiência emocional, com o advento de transformações. Mudança *turbulenta*, porém valiosa ao nos obrigar a ideia de *assimilação*.

Novo percalço ao considerarmos o pensar e o pensamento, sendo o primeiro usado para ter acesso ao segundo. *Turbulência* se agudiza se consideramos o pensamento sem pensador e, conseqüentemente, a mentira como falsificação do pensamento. Mais tumulto quando se conjectura sobre os pensamentos extravaiados, aqueles com e sem endereço reconhecido, e, por fim, os

pensamentos selvagens. Destes últimos temos um exemplo frisante em um dos seminários de Bion em Roma. Um participante, ao colocar o que nos parece ser um pensamento selvagem, pelo tumulto ocorrido, dramatiza o que ocorre conosco em maior ou menor escala, com maior ou menor consciência.

Neste trabalho, partindo da abstração – aprender com a experiência emocional –, fomos entrando em situações mentais consideradas turbulentas. Sendo que sua finalidade não é apenas comunicar a turbulência por nós sentida, mas também proporcionar ao leitor a oportunidade de passar pelas mesmas agruras.

*Referências*⁴

- Bion, W. R. (1966). O aprender com a experiência. In W. R. Bion, *Elementos de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1972). Una teoria del pensamiento. In W. R. Bion, *Volviendo a pensar* (pp. 151-164). Buenos Aires: Ediciones Horme, S.A.E. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1983a). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).
- Bion, W. R. (1983b). *Seminari italiani*. Roma: Edizioni Borla.

⁴ As citações dos textos originalmente em inglês ou espanhol foram traduzidas pelo autor.

- Bion, W. R. (1987a). Four papers. In W. R. Bion, *Clinical seminars and four papers*. Abingdon: Fleetwood Press. (Trabalhos originais publicados de 1976 a 1979).
- Bion, W. R. (1987b). Making the best of a bad job. In W. R. Bion, *Clinical seminars and four papers*. Abingdon: Fleetwood Press. (Trabalho original publicado em 1979).
- Bion, W. R. (1996). A aurora do esquecimento. In W. R. Bion, *Memória do futuro* (Vol. III). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1979).
- Bion, W. R. (1997). 28 may 1977. In W. R. Bion, *Taming wild thoughts*. London: Karnac Books.
- Braga, J. C. (2003). O Alucinatório na prática clínica: aproximando algumas questões. In *Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*, 22 de maio de 2003.
- Freud, S. (1976). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Mora, J. F. (1977). *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

2. Eu e o outro na sala de análise

Antonio Carlos Eva¹

Algumas ideias sobre o analista que procuro ser. Reflexões teóricas que alicerçam a clínica

Antes de mais nada, é preciso um local confortável, para mim e talvez para o outro. Minha sala de trabalho é organizada para cumprir esse quesito. Esse conforto começa com a parte material; de um modo superficial, sintetizado por uma poltrona que uso há vários anos. Vem também do conhecido que esse ambiente oferece para mim. O conjunto conhecido fará contraste com o outro – o novo – que chega a cada dia. Há, pois, um contraste daquilo que conheço – a sala, os móveis, eu mesmo, que espero que quase desapareça – diante do outro que chega.

Como pode o outro ser novo a cada dia para mim? E para quê?

¹ Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

A questão seguinte é: como posso estar presente, além de materialmente, na sala e construir uma fronteira com o outro, não só de forma material, mas também psíquica?

Quais as condições para estarmos os dois discriminados, na minha perspectiva, no mesmo espaço e tempo? Para alcançar a discriminação, certamente cuido primeiro de mim, pois sem mim não há o outro. Forma-se um todo confuso e indiscriminado. Tomo como modelo o aviso que há nos aviões para o caso de despressurização. Primeiro oxigênio (mental) para mim; a seguir, se for possível, verifico como o outro se apresenta, como está aos meus olhos.

É evidente que a linguagem verbal é de grande uso, e com ela fazemos sínteses da experiência em andamento.

Quem estiver apto, por fatores variados, usará nessa relação da expressão verbal.

Claro está que a relação inclui mais do que o verbal, que certamente influi no que é dito ou não dito.

O outro (analisando) o fará como puder, pois tem inteira liberdade, ao menos inicialmente, para se expressar.

O analista, disciplinadamente, estará voltado para o presente e, mais ainda, para o vértice que expresse conhecimento (emocional).

Esta é uma grande diferença. Há, penso eu, assimetria na relação psicanalítica, e eu procuro atrair ativamente o outro para o campo onde faço hipóteses, notações, atenções, curiosidades, investigações, ações etc. etc.

Para fazer isso, preciso estar lúcido, calmo, podendo oferecer, além disso, parte da minha atenção ao outro. Isto é, aquilo que sobra de meu bem-estar, na sala. Insisto que preciso estar, antes de

mais nada, oxigenado mentalmente, o que indico com o conceito de insaturado.

Eu consigo estar lúcido, calmo, com alguma atenção a oferecer e insaturado se o outro ali presente for visto por mim como novo. Se o vejo “velho”, repetido, conhecido, devo deduzir que estou sob domínio da minha memória, que me oblitera a lente para a presença nova, componente essencial para o meu trabalho analítico. Quem sabe a memória seja a realização de um desejo meu para fugir do novo.

Cabe uma enorme discussão a respeito deste estado mental que esboço.

A cada intervenção verbal e/ou não verbal, minha e/ou do outro presente na sala, cabe a tarefa de examinar se as condições que intuo do parceiro presente, no movimento feito, confirmam-se ou não, com que particularidades, segundo a minha hipótese em exame.

Direi que tanto faz confirmar ou não a hipótese por mim feita. Sempre será uma confirmação ou refutação parcial. Interessar-me-ei pelas semelhanças e diferenças nessa investigação, baseado no modelo teórico-psicanalítico que utilizo. É ele que me dará as significações que privilégio.

Formar-se-á ativamente, por interferência minha e do outro, um novo par para iniciar um novo ciclo do movimento psíquico, que procuro identificar disciplinadamente, se ou enquanto permaneço com oxigênio psíquico. Exercerei, pois, nova atração para a área que me interessa estar.

Neste novo ciclo, há, com muita frequência, perda significativa de meu contato com o outro.

Se identifico a perda, na medida de minhas possibilidades, permaneço na sala, no escuro, insaturado. Caso não possa estar nessa condição de trabalho, invento – por meio do desejo de saber/compreender – algo com que lanço luz sobre a escuridão, para ter alguma certeza calmante. Esses movimentos, fenomenologicamente, são muito semelhantes entre si. Criar luz, precipitadamente, levado por medo ou desconforto excessivos, ou estar à espera do novo a ser vivido confundem-se, igualam-se em minha mente.

O outro, dependendo do que vive comigo ou com quem inventa que sou, é de valia variada nessa travessia.

Necessito, nesta perda do desconhecido, poder avaliar o que recebo ou percebo do outro sem esquecer que isso é necessariamente variável em sua função. A variedade da função depende dos componentes que fazem parte dessa presença. Posso ser confirmado ou refutado, por meio do significado que desempenho para o outro, e não apenas pelo conteúdo verbal que possa oferecer.

Desconfio, pois, permanentemente do solo fugidio em que me encontro e no qual procuro caminhar intuitivamente.

Quero ouvi-los para prosseguir...

“As contribuições de Bion à técnica psicanalítica são complexas, inovadoras, profundas e merecem intensos e repetidos estudos. Suas formulações representam a mudança mais radical de paradigma na Psicanálise.”

James Grotstein

Esta publicação é um desdobramento da 1ª Jornada “Psicanálise: Bion: transformações e desdobramentos” da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). A esta, seguiram-se outras onze jornadas com cinco publicações centradas nos desenvolvimentos das ideias de Bion entre nós. A continuidade é resultado de um ato de fé, tanto na nossa produção psicanalítica quanto na possibilidade de crescimento por meio de encontros.

Evelise Marra

PSICANÁLISE

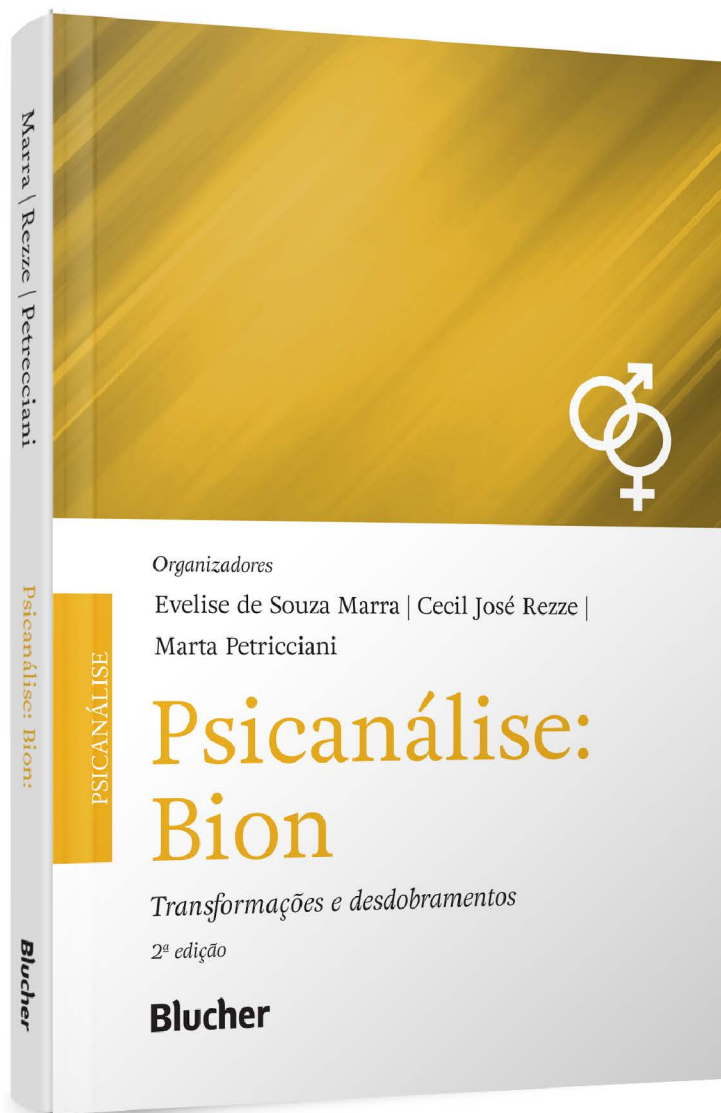
ISBN 978-85-212-1306-2



9 788521 213062

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Psicanálise: Bion

Transformações e desdobramentos

Evelise de Souza Marra, Cecil José Rezze, Marta Petricciani

ISBN: 9788521219408

Páginas: 322

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2020
